

Países ricos só aceitam a negociação caso a caso

ANY BOURRIER

Enviada especial

LONDRES — Os Chefes de Governo dos sete países industrializados, reunidos nesta capital desde ontem para seu décimo encontro anual de cúpula, só vão discutir em conjunto os assuntos econômicos a partir de hoje à tarde. Mas desde já assumiram uma posição comum no que diz respeito à dívida externa latino-americana: são contrários a qualquer solução global para o problema e defendem o exame caso a caso da situação das nações devedoras.

Assim, o problema do endividamento, que prometia ser um dos temas explosivos da reunião, foi “desativado” e reduzido a uma simples questão a ser tratada entre credores e bancos privados.

O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, foi taxativo em entrevista à imprensa. Referindo-se ao encontro latino-americano programado para este mês em Cartagena, na Colômbia, para tratar dos débitos externos da região, comentou:

— Se eles desejam reunir-se, que o façam. Esta questão é deles. Foi uma opção que fizeram e nós não temos nenhum comentário a fazer.

O ponto de vista americano, que parece ter obtido o consenso dos outros países participantes, foi explicado por Donald Regan nos seguintes termos: para os Estados Unidos, cada problema de endividamento nacional é seletivo e não se pode dar solução única e igual para todos.” O Secretário citou o exemplo do México, que está colocando sua economia em ordem e, por isto, poderia obter do sistema bancário americano prazos e juros mais razoáveis.

O governo inglês está de acordo com o dos Estados Unidos. Como Regan e Volcker, a Primeira-Ministra Margaret Thatcher julga que “devedores e bancos têm que se entender entre si, sem intervenção dos órgãos financeiros internacionais”. A França, até então uma das maiores defensoras da idéia de uma reunião mundial para discutir soluções para a crise financeira, como reivindica a América Latina, está se deixando convencer de que “tanto a repartição dos financiamentos dos órgãos internacionais como a análise do endividamento têm que ser seletivos”, conforme afirmou o Ministro das Finanças, Jacques Delors.



Centro das atenções, Reagan reuniu-se com Thatcher...



o Premier italiano, Bettino Craxi, ...



o Presidente Mitterrand, da França ...



...e o Primeiro-Ministro Nakasone, do Japão.

Petróleo, protecionismo e juros são as prioridades na reunião de Londres

Cada uma das sete delegações dos países ricos desembarcaram em Londres com sua idéia fixa sobre os assuntos que merecem prioridade nesta reunião de cúpula. Colocado em segundo plano o problema da dívida externa latino-americana, ontem só se falava em crise do petróleo e a situação do Golfo Pérsico, protecionismo, juros e recuperação econômica.

Para Ronald Reagan, dos Estados Unidos, o tema prioritário é o protecionismo, pois, num ano eleitoral, sabe que o déficit comercial americano é um dos pontos fracos que o adversário poderá explorar e as exportações do país baixaram 14 por cento no ano passado. Reagan defende a necessidade de liberalizar o co-

mércio internacional através de reformas no Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt).

O problema do Japão é o petróleo, especialmente a crise do Golfo Pérsico, de onde o país importa 75 por cento do óleo que consome. Ontem, o Presidente americano, em reunião com o Primeiro-Ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, propôs o debate de soluções de emergência para o caso de um novo embargo do petróleo e defendeu a divisão das reservas estratégicas do produto entre os industrializados, se houver uma suspensão do fornecimento. A idéia recebeu todo o apoio de Nakasone.

Para os ingleses, o assunto mais importante é o terrorismo. O tiroteio na Embaixada da Líbia em Londres,

em que morreu uma jovem policial, traumatizou os ingleses e a Primeira-Ministra Margaret Thatcher insiste na discussão de medidas concretas contra o problema.

Franceses e alemães acham as taxas de juros dos bancos americanos o tema mais importante e apontam como o vilão da crise e déficit orçamentário dos Estados Unidos, Canadá e Itália não apresentam reivindicações específicas.

Hoje, na Lancaster House, os sete Chefes de Governo vão debater pela manhã questões de política internacional: relações Leste-Oeste, situação no Sul da África, desarmamento, controle das armas estratégicas na Europa e a crise política na América Central. E só à tarde, discutirão os problemas econômicos.